

A guerra da Fundação Ellen MacArthur contra o plástico e a prosperidade.

A Fundação Ellen MacArthur (EMF) declarou uma “crise de poluição plástica” e defende a visão cientificamente equivocada de que nada deve ser descartado. Então, por que grandes consumidores de plástico, como a Coca-Cola e a Nestlé, são alguns dos maiores aliados da EMF?

Fonte: [Capital Research](#)

Por Ken Braun, 06/02/2026

Tradução Automática

Nota editorial: Em 7 de fevereiro de 2005, a britânica Ellen MacArthur quebrou o recorde mundial de circunavegação solitária do globo, com um tempo de 71 dias, 14 horas, 18 minutos e 33 segundos. Este fim de semana marca o 21º aniversário de sua conquista. Desde então, ela fundou uma ONG que busca prevenir o uso de plástico. Este relatório sobre a agenda antiplástico da Fundação Ellen MacArthur foi publicado originalmente em outubro de 2022 e é reproduzido na íntegra.

As pesquisas de opinião mostram que os americanos estão profundamente preocupados com questões como inflação, imigração, aumento das taxas de criminalidade e preços exorbitantes da gasolina. Eles não demonstram nenhuma ansiedade em relação à "crise da poluição plástica".

Mas o plástico [tornou-se](#) uma grande preocupação para as [Nações Unidas](#) e dezenas das maiores corporações do mundo, como Visa, Coca-Cola, Unilever e Nestlé. Para lidar com essa suposta crise, os preocupados com o plástico se uniram à [Fundação Ellen MacArthur](#) (EMF), uma organização sem fins lucrativos pouco conhecida, mas obviamente influente, com sede no Reino Unido.

É assim que a EMF [descreve](#) o que nos reserva o futuro:

- “Precisamos mudar a forma como projetamos, usamos e reutilizamos os plásticos. Não podemos simplesmente reciclar ou reduzir o consumo para resolver a crise da poluição plástica. Se não agirmos agora, em 2050 poderá haver mais plástico do que peixes nos oceanos.”

Embora a poluição plástica em alto-mar seja uma preocupação válida, os americanos e aqueles que vivem como nós não são a causa dela. Um [relatório de 2021](#) da Our World in Data mostrou que os Estados Unidos, apesar de possuírem 25% do produto interno bruto (PIB) total do planeta, são responsáveis por apenas 0,25% do plástico que chega ao oceano. Somando todos os países da América do

Norte, toda a Europa, Japão, Taiwan, Coreia do Sul, Austrália, Nova Zelândia, Israel e Rússia, juntos, contribuem com apenas 5,5% do problema.

Os países em desenvolvimento e de baixa renda da Ásia e da África são responsáveis por 90% do problema do plástico nos oceanos. Juntos, China e Índia causam mais de 20% desse problema.

Ajudar rapidamente os países empobrecidos e desenvolvidos a prosperarem com sistemas de gestão de resíduos eficientes é a solução viável (para não dizer humanitária) para o problema do lixo plástico nos oceanos e muitos outros problemas muito mais urgentes. Energia elétrica confiável e de baixo custo, o Estado de Direito, os direitos humanos, uma moeda estável e alguns outros fatores essenciais são a receita comprovada para a mudança necessária.

Mas não são essas as mudanças que a Fundação Ellen MacArthur e seus aliados corporativos ricos têm em mente quando aconselham: "Precisamos mudar". Em vez disso, o "nós" a que se dirigem somos nós mesmos. Em vez de abordar os problemas óbvios da pobreza com as soluções comprovadas para ajudar o resto do mundo a enriquecer, a Fundação Ellen MacArthur inventou um [novo modelo econômico](#) :

- “Somos uma organização sem fins lucrativos comprometida com a criação de uma economia circular, projetada para eliminar o desperdício e a poluição, circular produtos e materiais (ao seu máximo valor) e regenerar a natureza. É um sistema econômico que proporciona melhores resultados para as pessoas e para o meio ambiente.”

Acabar com o desperdício e a poluição, salvar o mundo, tornar tudo mais valioso e melhorar a vida de todos? *Por que ninguém pensou nisso antes?*

Deixando o sarcasmo de lado, isso parece plagiado de inúmeras redações do tipo "O que eu desejo" entregues anualmente a professores do ensino fundamental. Muitas crianças pequenas também incluem planos igualmente vagos para a paz mundial e para trazer cachorros perdidos de volta à vida.

É notável que adultos supostamente sérios tenham reciclado esses clichês em um plano de negócios para o planeta.

A natureza é bagunçada

Se a indústria do plástico pudesse culpar os vulcões, a Fundação Ellen MacArthur certamente (e com razão) classificaria o resultado como "desperdício e poluição". A natureza costuma ser catastrófica em seu desperdício. A agenda dos campos eletromagnéticos se baseia em um mundo de fantasia que não existe.

O plano atual — tal como praticado durante a maior parte dos últimos três séculos e, em particular, nos últimos 50 a 70 anos — tirou bilhões da pobreza, colocou alguns bilhões de nós num padrão de vida que era inconcebível até mesmo para os mais ricos há um século, acabou efetivamente com as fomes, prolongou radicalmente a expectativa de vida e (não por coincidência) continua a limpar a pior parte da poluição do planeta.

Essa é a economia de mercado.

O que a “economia circular” da Fundação Ellen MacArthur tem a oferecer?

A [fundadora que dá nome à marca](#) é a britânica Dame Ellen MacArthur, uma velejadora competitiva aposentada que chegou a deter o recorde mundial de circum-navegação solitária do globo. Segundo sua biografia oficial, levar a bordo todos os suprimentos necessários para a jornada de 71 dias "lhe proporcionou uma compreensão muito real do que significa depender de recursos finitos, já que, a bordo, comida, água e combustível estavam inescapavelmente ligados ao sucesso ou ao fracasso".

Com base nisso, ela concluiu que “também em terra dependemos de recursos finitos, como materiais, energia e água”.

Quem deseja compreender esse conceito sem passar dois meses sozinho no mar pode assistir ao primeiro dia de uma aula introdutória de economia. Como explica [a Investopedia](#) : “Escassez, em economia, refere-se à situação em que a demanda por um recurso é maior do que a oferta desse recurso, visto que os recursos são limitados.”

Uma meta-análise de estudos sobre economia circular, publicada em setembro de 2021 pelo [Journal of Industrial Ecology](#), identificou mais de 100 definições diferentes para o termo, muitas delas "deliberadamente vagas, mas em princípio incontroversas", que não abordam "conflitos, compensações e problemas".

A Fundação Ellen MacArthur acompanha essa tendência. Ao analisar as descrições, por mais enigmáticas que sejam, da economia circular apresentadas no site da EMF, a única agenda abrangente parece ser que nada... *jamaís* ... deve ser jogado fora.

- Durante bilhões de anos, os sistemas naturais se regeneraram. **O desperdício é uma invenção humana** [ênfase adicionada]. [Da página intitulada “ [Regenerar a natureza](#) ”]
- O segundo princípio da economia circular é circular produtos e materiais pelo seu maior valor. Isso significa manter os materiais em uso, seja como produto ou, quando não puderem mais ser usados, como componentes ou matérias-primas. Dessa forma, **nada se torna lixo** [ênfase adicionada] e o

valor intrínseco dos produtos e materiais é preservado. [Da página intitulada “ [Circular produtos e materiais](#) ”]

- Embora às vezes pareça que o desperdício seja inevitável em certas situações, ele é, na verdade, resultado de escolhas de projeto. **Não existe desperdício na natureza; esse é um conceito que introduzimos** [ênfase adicionada]. [Da página intitulada “ [Eliminar o desperdício e a poluição](#) ”]

O desperdício — ou “entropia”, para quem se lembra das aulas de física — é o estado natural do universo. Cada conversão de um material em um novo item leva à perda de energia na forma de calor e à degradação da qualidade e/ou quantidade do material. O aumento do caos é inevitável — e exige mais energia e recursos para remontar os materiais que estão se desintegrando.

Segundo uma [reportagem da NPR de setembro de 2020](#) , o plástico "degrada-se cada vez que é reutilizado, o que significa que não pode ser reutilizado mais de uma ou duas vezes", e como "o plástico novo é barato... é quase sempre mais barato e de melhor qualidade começar do zero".

[Os metais](#) , por outro lado, mantêm seu valor e podem ser reciclados com comparativamente menos esforço e energia. A maioria dos itens descartados de ferro e aço ([70% ou mais](#)) são reciclados em novos produtos.

Nesse relatório [do Journal of Industrial Ecology](#) , em uma seção intitulada "Negligenciando o conhecimento estabelecido", os autores do artigo (três acadêmicos, dois da Suécia e um do Reino Unido) expressaram a questão da seguinte forma:

- Uma crítica recorrente dirigida à literatura sobre economia circular é que ela ignora muitos conhecimentos já estabelecidos. Em particular, negligencia o princípio da termodinâmica de que não se pode criar nem destruir matéria; quaisquer recursos utilizados acabam em algum lugar no sistema ambiental, não podendo ser destruídos, apenas convertidos e dissipados. **Um futuro de economia circular onde o desperdício não exista mais, onde os ciclos de materiais sejam fechados e os produtos sejam reciclados indefinidamente é, portanto, na prática, impossível ...** [ênfase adicionada]

A natureza como um sistema “circular” pode ser uma boa ferramenta de marketing, mas todo morador da Flórida que está reconstruindo sua vida após o furacão Ian pode atestar que, quando a natureza começa a girar em círculo, ela pode devastar grande parte do meio ambiente natural, além da energia e dos materiais que foram usados pelos humanos para trazer ordem ao mundo caótico.

E, embora menos comum, a erupção de um vulcão devasta paisagens, criaturas, estruturas e, muitas vezes, as pessoas em seu caminho. Em 1991, [o Monte Pinatubo](#), nas Filipinas, lançou o que um [relatório](#) do Serviço Geológico dos EUA chamou de "avalanches de cinzas incandescentes, gases e fragmentos de pedra-pomes" que soterraram os "vales outrora profundos" próximos sob uma camada de detritos de 200 metros de profundidade. As 20 milhões de toneladas de dióxido de enxofre (um gás de efeito estufa) que o Pinatubo lançou na atmosfera [danificaram a camada de ozônio](#) e alteraram consideravelmente a temperatura do planeta por um ano. Uma erupção em 1982 no vulcão [El Chichón](#), no México, teve um efeito semelhante no clima global. Mais perto de nós, a erupção [do Monte Santa Helena em 1980](#), em Washington, devastou 544 quilômetros quadrados de área selvagem próxima e removeu 518 metros do topo da montanha.

Se a indústria do plástico pudesse atribuir a culpa pelos vulcões, a Fundação Ellen MacArthur certamente (e com razão) se referiria ao resultado como "desperdício e poluição".

A natureza costuma ser catastrófica em seu desperdício. A agenda dos campos eletromagnéticos se baseia em um mundo de fantasia que não existe.

Adorando a Santidade Absoluta de Tudo

Freshkills, perto da cidade de Nova York, que até 2001 era o maior aterro sanitário do planeta, foi transformado em um refúgio onde águias-pesqueiras e outros animais selvagens prosperam. Que tal essa ideia de reciclagem?

Uma economia circular também já foi testada e se mostrou muito problemática.

Em tempos mais primitivos, há pouco mais de um século, tínhamos uma economia circular para os resíduos humanos, que, em seu "valor máximo", eram valorizados por sua capacidade de "regenerar a natureza". Os humanos produziam muito desse lixo, mas uma boa quantidade também era deixada em montes malcheirosos nas ruas pelos cavalos de que ainda precisávamos.

Felizmente, a agricultura moderna utiliza agora fertilizantes sintéticos muito mais eficazes (e um dos mais importantes é viabilizado pelo gás natural). Mas, ao contrário da economia circular do nosso passado recente, os dejetos humanos já não têm valor. Agora são simplesmente "lixo" — lixo desagradável e malcheiroso que necessita de sistemas de esgoto e tratamento especiais para o descarte adequado.

E, no entanto, esse comportamento recente... perdulário... nos proporcionou "um sistema econômico que oferece melhores resultados para as pessoas". Nosso meio ambiente também está em melhor situação.

Embora a natureza não melhore a forma como se limpa, os seres humanos fizeram progressos significativos. Os aterros sanitários modernos e a coleta de lixo são um milagre da conservação do solo criado pelo homem. Passe por um antigo aterro sanitário hoje em dia e você poderá confundi-lo com um campo de golfe ou um parque público – porque é isso que eles frequentemente se tornam. Um guia da Agência de Proteção Ambiental (EPA) sobre a reutilização de aterros sanitários relata que “os usos finais cada vez mais comuns incluem parques, trilhas para caminhadas, habitats para a vida selvagem, campos esportivos e campos de golfe”.

Freshkills , perto da cidade de Nova Iorque, que até 2001 era o maior aterro sanitário do mundo, é um excelente exemplo. Desde então, foi transformado em um refúgio onde águias-pesqueiras e outros animais selvagens prosperam.

Que tal essa forma de reciclagem?

A reutilização bem-sucedida de plástico descartado é mais um exemplo do notável progresso na gestão de resíduos sanitários. Mas a aceitação disso tudo não se encaixa na teoria totalitária da Fundação Ellen MacArthur de que todo o lixo pode ser erradicado.

Segundo dados da própria EMF , quando garrafas de plástico de bebidas são coletadas para reciclagem, elas frequentemente ganham uma nova vida como fibras de poliéster em itens como carpetes e roupas. A análise de 2016 que promove a “Nova Economia do Plástico” da EMF também relata aplicações úteis para o plástico reciclado na criação de “madeira plástica”, tubos de plástico e sacos de lixo. Além de reduzir a quantidade de plástico descartado, esses produtos de segunda vida diminuem a necessidade de plástico novo e a pegada de carbono necessária para o corte e processamento de árvores.

Sucesso? Prova de que os humanos são criaturas inovadoras com uma fonte inesgotável de ideias sobre como extrair o máximo valor dos materiais e, no processo, deixar o ambiente um pouco mais organizado?

Por qualquer análise razoável, a resposta deveria ser um sonoro "SIM!"

Mas não para a Fundação Ellen MacArthur. O relatório da EMF retrata esses produtos plásticos de reposição como fracassos que representam “apenas um ciclo de uso adicional, em vez de criar um modelo verdadeiramente circular”.

Muitas religiões tradicionais veneram objetos, pessoas ou criaturas específicas. A economia circular, como praticada pela Fundação Ellen MacArthur e seus aliados, promove a *sacralidade absoluta de tudo* , onde cada molécula que usamos deve ser preservada e nada pode ser descartado.

Isso não é conservação. É absolutismo e fanatismo religioso.

Alguns dos nossos pertences inevitavelmente perdem todo o *seu valor razoável* em relação ao que poderia substituí-los, portanto, seu "maior valor" (para usar a terminologia da área de campos eletromagnéticos) é ser colocado em um local onde não cause danos. Itens sem valor, quando descartados incorretamente, adquirem *valor negativo* porque poluem o valor daquilo que realmente prezamos, como paisagens e oceanos.

Por isso, é um investimento inteligente para as nações ricas construir sistemas de gestão de resíduos sanitários que transformem o valor de itens sem valor de negativo para neutro. Os componentes de um aterro sanitário podem ter perdido valor individual, mas o próprio terreno pode ser reaproveitado para parques, estádios e muito mais.

Uma religião menos dogmática poderia incentivar mais disso, considerando o plano inteligente para "eliminar o desperdício e a poluição" e "regenerar a natureza".

O resultado mais bem-sucedido da “economia circular” para o plástico nos Estados Unidos é a sua transformação em eletricidade. Um relatório da EPA (com dados de 2018) mostra que 15,8% do plástico descartado foi utilizado para “combustão com recuperação de energia”, contra apenas 8,7% reciclado e 75,6% depositado em aterros sanitários.

A taxa de reciclagem, mesmo para os plásticos mais fáceis de reutilizar, era inferior a 30%. De acordo com uma reportagem do New York Times de 2021 : “Embora muitas comunidades americanas coletem diligentemente o plástico para reciclagem, grande parte desse material é enviada para o exterior, onde frequentemente acaba em aterros sanitários ou em rios, córregos e oceanos.”

Os principais destinos listados pelo *Times* foram China, Malásia e Indonésia. De acordo com o Our World in Data, esses três países juntos foram responsáveis por mais de 20% do lixo plástico que chegou ao oceano em 2019.

A Fundação Ellen MacArthur teria feito mais para proteger os oceanos se tivesse realizado uma campanha para convencer os cidadãos que reciclam em casa que não há problema em descartar o lixo plástico em um aterro sanitário americano.

Talvez deversem ter substituído os logotipos nas lixeiras de reciclagem por fotos de garrafas de plástico flutuando em algum rio sujo da Malásia a caminho do oceano.

Uma fachada para greenwashing?

Embora a EMF possa levar o nome dela, a agenda pertence tanto às corporações como a Coca-Cola, que a tornaram possível.

Mesmo fazendo um excelente trabalho para manter o lixo fora do oceano, a EPA (Agência de Proteção Ambiental dos Estados Unidos) relata que o plástico descartado representa menos de 20% dos resíduos nos aterros sanitários americanos.

A ironia é que quase tudo isso foi criado a partir do que seria, de outra forma, resíduo do refino de petróleo e gás natural. As moléculas que se transformam em polímeros plásticos se tornariam algo menos valioso, ou seriam descartadas, se não fossem usadas para a fabricação de plástico. E então precisaríamos usar algo mais valioso para criar todos os produtos atualmente feitos de plástico.

Árvores, por exemplo. E isso ficaria caro. Um estudo de 2011, produzido para o parlamento da Irlanda do Norte, analisou os números relativos à decisão sobre sacolas de supermercado "de papel ou plástico" e chegou à seguinte conclusão:

- A produção de um saco de papel consome mais de quatro vezes mais energia do que a de um saco plástico. Para a produção de sacos de papel, é necessário desmatar florestas (as árvores absorvem gases de efeito estufa) e, em seguida, a fabricação dos sacos também gera gases de efeito estufa. Os sacos de papel geram 70% mais poluentes atmosféricos e 50 vezes mais poluentes hídricos do que os sacos plásticos.

O relatório também constatou que os sacos de papel geraram 70% mais poluição do ar, 50 vezes mais poluição da água e exigiram sete vezes mais caminhões para transportá-los.

Qualquer americano econômico conhece a verdade por trás desta revelação sobre a utilidade dos sacos plásticos: “Eles também têm muitos outros usos em casa... como recolher fezes de cachorro das ruas, e a maioria deles eventualmente servirá como saco de lixo para coletar e descartar o lixo doméstico com segurança.”

Em 2020, em resposta às campanhas contra suas garrafas de plástico, o chefe de sustentabilidade da Coca-Cola observou que a pegada de carbono da empresa aumentaria se todos os recipientes de plástico fossem substituídos por latas de alumínio ou garrafas de vidro.

A Coca-Cola distribui 100 bilhões de garrafas plásticas de bebidas por ano, uma parcela significativa das mais de 500 bilhões vendidas no mundo todo — a maioria delas feita de plástico tereftalato de polietileno (PET). Essas garrafas são o que muitos de nós imaginamos quando pensamos em poluição plástica. Uma garrafa flutuando na água é o primeiro resultado da busca do Google pelo termo “símbolo da poluição plástica”.

A diretora de sustentabilidade da Coca-Cola afirmou que a empresa continuará usando plástico porque seus clientes preferem as garrafas leves e com tampa de rosca. "O negócio não se sustenta se não atendermos às necessidades dos consumidores", disse ela.

Ela está certa. O uso, a reutilização e o descarte de plástico têm sido e continuarão sendo aprimorados. Mas, por todos os motivos já mencionados e outros, a “ crise da poluição plástica ” da Fundação Ellen MacArthur ainda não é uma realidade.

No entanto, a lista dos principais parceiros da EMF inclui ninguém menos que a Coca-Cola.

A Fundação Ellen MacArthur afirma ter a “principal rede de economia circular do mundo”, e isso não é uma mera afirmação. A agenda de economia circular da EMF também foi adotada pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente.

O relatório anual mais recente da EMF, referente ao ano anterior a agosto de 2021, apresentou uma receita de £ 18,1 milhões (US\$ 25 milhões à taxa de câmbio de 2021).

Deixando de lado suas corajosas façanhas na vela, a cruzada absolutista de Ellen MacArthur não teria nem de perto a influência atual sem as corporações e instituições que investiram dezenas de milhões de dólares na promoção de sua causa. A EMF pode levar seu nome, mas a agenda pertence tanto às corporações como a Coca-Cola, que a tornaram possível.

Além da Coca-Cola (KO), a rede de parceiros estratégicos do grupo, composta por 21 membros, inclui Unilever (UL), Visa (V), BlackRock (BLK), Nestlé (NSRGY), Danone (BN.PA) e Groupe Renault (RNO.PA). Existem outros, mas, juntos, esses sete parceiros de capital aberto possuem uma capitalização de mercado superior a US\$ 1,2 *trilhão* .

O grupo de parceiros estratégicos de alto nível também inclui os "principais financiadores filantrópicos" da EMF, como a Schmidt Family Foundation (fundada com a fortuna do ex-CEO do Google, Eric Schmidt , e sua esposa, Wendy), a MAVA (uma fundação com sede na Suíça) e o Sun Institute for Environmental & Sustainability (com sede na Alemanha).

Um segundo nível de meros “parceiros” inclui 41 empresas e grupos, entre eles grandes nomes como Wal-Mart, Starbucks, PepsiCo, Microsoft, Google, Morgan Stanley e Mars (fabricante dos M&M's e outros doces). Um terceiro nível de membros da EMF conta com mais de 100 empresas.

O “modelo de financiamento” da EMF está ancorado nessas parcerias. O relatório anual recente observou que uma “nova estrutura de membros da Rede” havia

“aumentado as fontes de receita nessa área”. As rubricas “Doações de Parceiros Globais” e “Receita da Rede” totalizaram £ 2,4 milhões em 2021 (US\$ 3,3 milhões com a taxa de câmbio da época).

Além disso, o financiamento específico arrecadado para [a Iniciativa Nova Economia do Plástico](#) da EMF foi de £ 3 milhões (US\$ 4,1 milhões). Coca-Cola, Nestlé, Unilever, Danone, a fabricante americana de doces Mars e Wal-Mart foram citadas como parceiras do projeto.

Segundo um [relatório](#) da Investopedia de março de 2022, "greenwashing" é o processo de transmitir uma impressão falsa ou fornecer informações enganosas sobre como os produtos de uma empresa são mais sustentáveis ambientalmente.

Essa definição pode explicar por que tantos dos consumidores de plástico mais reconhecidos do mundo estão financeiramente alinhados com o ativista mais notório na luta contra o consumo de plástico.

Puritanismo plástico

Um relatório de 2018 da Agência Nacional do Meio Ambiente de Singapura comparou os recursos utilizados na produção de embalagens descartáveis para comida para viagem. O relatório mostrou que pratos de poliestireno e caixas tipo concha consomem substancialmente menos energia, água e terra do que seus equivalentes de papel.

Vários dos 21 principais apoiadores do EMF compartilham uma prática comercial muito específica: aquelas garrafas de plástico PET que a Coca-Cola se recusa a abandonar.

A Danone e a Nestlé (juntamente com a Dasani, da Coca-Cola) estão [entre](#) as quatro maiores empresas de engarrafamento de água do mundo. Além das gigantes do setor de bebidas que apoiam a EMF, [a SC Johnson](#) embala muitos de seus produtos de limpeza em PET, e [a Unilever](#) usa esse material para fabricar potes para produtos como a maionese Hellmann's.

Muitas das outras empresas que fazem parte do grupo de parceiros de primeira linha da EMF também são grandes usuárias do plástico tereftalato de polietileno (PET) — e por um bom motivo: o PET é um dos muitos materiais plásticos benéficos do ponto de vista econômico e ambiental no mundo.

O poliestireno (PS) também é utilizado em itens do dia a dia, como os icônicos [copos vermelhos Solo](#) que usamos em festas e em muitas [embalagens de alimentos](#). Comparado a [outros plásticos](#), o poliestireno é de baixo custo, altamente maleável, resistente ao calor e, portanto, perfeito para embalagens na indústria de serviços alimentícios.

Inflado com ar, transforma-se em poliestireno expandido (EPS), também conhecido como "isopor", nome comercial de um produto de isolamento de EPS fabricado pela [DuPont](#). O EPS é bem conhecido como o material usado para tudo, desde copos, tigelas e pratos de espuma até moldes de envio personalizados para mercadorias frágeis.

Por ser uma opção excepcionalmente útil e de baixo custo para servir e manter a temperatura ideal de alimentos e bebidas, as embalagens de PS/EPS são frequentemente descartadas com restos de comida. A contaminação por alimentos é obviamente difícil de limpar de forma eficiente, independentemente do material da embalagem, mas é um "não" para reciclagem.

Mesmo aceitando, para fins de argumentação, a premissa alarmista e duvidosa da Fundação Ellen MacArthur de que existe uma "crise de poluição plástica", [suas pesquisas](#) mostram que o poliestireno representa apenas 3% do "mercado atual de embalagens plásticas". Considerando a ínfima parcela do suposto problema, a solução óbvia para o descarte do PS/EPS seria intensificar os esforços para garantir que todo o material seja encaminhado para um sistema de coleta de lixo sanitário. Sem dúvida, essa é a maneira comprovada e mais eficiente de impedir que as quantidades relativamente pequenas de poliestireno cheguem ao oceano.

Mas mesmo no pior cenário, [uma pesquisa de 2019](#) da Instituição Oceanográfica de Woods Hole desmistificou uma crença antiga de que o poliestireno e seu primo de espuma permanecem para sempre no meio ambiente. A pesquisa mostrou que a luz solar degrada o poliestireno em "carbono orgânico dissolvido e traços de dióxido de carbono, em níveis muito baixos para impactar as mudanças climáticas", e que essa transformação ocorre em séculos e possivelmente em décadas.

É curioso, portanto, que uma parcela tão pequena do fluxo de resíduos de embalagens plásticas ocupe um lugar tão grande e negativo na cruzada da Fundação Ellen MacArthur pela economia circular.

Lançado em 2016, [o relatório "A Nova Economia dos Plásticos: Repensando o Futuro dos Plásticos"](#) é a tentativa da EMF de "alcançar mudanças sistêmicas para superar os impasses na atual economia dos plásticos, a fim de avançar para um modelo mais circular".

A Unilever consta como uma das financiadoras do projeto. O prefácio foi escrito pelo presidente da Assembleia Geral da ONU.

Na medida em que a Fundação Ellen MacArthur alguma vez consegue ir além da retórica vaga e propositalmente confusa e oferece objetivos políticos concretos, este relatório é um exemplo disso.

Uma seção intitulada “Exemplos selecionados de materiais de difícil reciclagem e soluções correspondentes” destacou o poliestireno e chegou à seguinte conclusão: “Se as barreiras para a coleta, triagem, limpeza e reciclagem eficazes e economicamente viáveis do PS não puderem ser superadas, outras soluções de embalagem poderão ser consideradas.”

As sugestões para substituir as embalagens de alimentos incluíam papel, papelão e até mesmo o plástico PET, preferido pela Coca-Cola, Danone e Nestlé — os gigantes das garrafas plásticas do planeta e, talvez não por coincidência, alguns dos maiores parceiros corporativos da Fundação Ellen MacArthur.

Até mesmo a sugestão de substituir o papel era duvidosa. O relatório elogia o McDonald's (uma das mais de 100 empresas listadas como [membros da EMF](#)) como pioneiro nesse ponto: "O McDonald's começou a eliminar gradualmente sua icônica caixa de hambúrguer de espuma em formato de concha em 1990 e agora está eliminando os copos de isopor para bebidas". No entanto, a lógica ambiental por trás da decisão do McDonald's desapareceu mais rápido do que Big Macs quentes.

Um [estudo de 1991](#) publicado na revista *Science* comparou o impacto do ciclo de vida de copos descartáveis feitos de poliestireno e de papel. Martin B. Hocking, professor de química da Universidade de Victoria, na Colúmbia Britânica, descobriu que a produção de um copo de papel, em vez de um de espuma de poliestireno, consumia de 14 a 20 vezes mais eletricidade e o dobro de água. Hocking concluiu que “os copos de espuma de poliestireno deveriam receber uma avaliação muito mais imparcial em relação ao seu impacto ambiental, comparativamente aos copos de papel, do que a que receberam nos últimos anos”.

A análise de Hocking se manteve válida desde então. Um [relatório de 2018](#) da Agência Nacional do Meio Ambiente de Singapura comparou os recursos utilizados na produção de embalagens descartáveis para comida para viagem. O relatório mostrou que pratos de poliestireno e embalagens tipo concha consomem substancialmente menos energia, água e terra do que seus equivalentes de papel.

Perigoso para o meio ambiente e para a economia

Embora a Fundação Ellen MacArthur afirme que "a descarbonização do sistema energético é necessária e precisa ser acelerada", a definição de solução do grupo também exclui a energia nuclear... a única fonte de energia com zero emissões de carbono que poderia ser ampliada para atender à necessidade mundial, já voraz e crescente.

Gastar menos com recursos essenciais para a produção — menos com água, menos com energia — leva diretamente a um preço mais baixo. Se você paga muito menos, provavelmente está usando muito menos. Isso é conservação, em todos os sentidos da palavra.

O que descartamos muitas vezes é um exemplo de como "regeneramos os sistemas naturais". [Elefantes](#) e [tartarugas marinhas](#) já foram a principal fonte do material maleável usado para criar teclas de piano, bolas de bilhar, armações de óculos, joias, pentes e inúmeros outros produtos. Grande parte do plástico nos aterros sanitários de países ricos é essencial para os esforços de conservação dessas espécies.

A correlação geralmente estreita entre valores ecológicos e econômicos não é considerada no pensamento absolutista que fundamenta a economia circular da Fundação Ellen MacArthur. Portanto, é inevitável que a organização sem fins lucrativos e seus apoiadores corporativos acabem promovendo o papel em detrimento do poliestireno e defendendo soluções que contradizem seus objetivos declarados.

A política energética é outra área em que tentar dar especificidade à agenda, de outra forma vaga, do FME produz um resultado particularmente ruim.

No “ [glossário de economia circular](#) ” do grupo, a definição de “economia circular” traz a seguinte observação em letras miúdas: “Ela é sustentada por uma transição para energias e materiais renováveis”. Ao consultar a definição de “energia renovável”, encontramos os seguintes exemplos aprovados: “... eólica, solar, hidrelétrica, hidrotérmica, oceânica (ondas e marés), geotérmica e biogás proveniente da digestão anaeróbica”.

Essas opções excluem 89% da produção [total de energia mundial](#) atual e 74% da produção total de eletricidade. Excluem até mesmo a reciclagem de plástico por meio da queima para geração de eletricidade.

Embora a Fundação Ellen MacArthur [afirme que](#) "a descarbonização do sistema energético é necessária e precisa ser acelerada", a definição de solução do grupo também exclui a energia nuclear (atualmente responsável por 10,4% da eletricidade total), a única fonte de energia com zero emissões de carbono que poderia ser ampliada para atender à crescente e voraz demanda mundial.

As opções aprovadas são “tecnologias eólicas, solares e de baterias”. O vento e o sol são obviamente limitados pelas condições climáticas e não podem ser ampliados para atender às necessidades. E “tecnologias de baterias” é um termo técnico para [armazenamento de eletricidade mágico](#) que não existe e talvez nunca exista. Um [relatório de 2018](#) da Massachusetts Institute of Technology Review resume os estudos sérios sobre o assunto, concluindo que, mesmo que a

capacidade de armazenamento fosse desenvolvida, implantá-la poderia se tornar “perigosamente inviável”.

Isso não é exagero. Mesmo para os mais afortunados, o colapso econômico e possivelmente a fome se seguiriam rapidamente à perda de um fornecimento de energia elétrica confiável e acessível. A Fundação Ellen MacArthur e seus parceiros estratégicos estão promovendo uma política energética que *é literalmente perigosa* .

Unilever, Coca-Cola, Visa, BlackRock, Danone, Nestlé e muitas outras das principais parceiras da EMF são empresas de capital aberto. Embora possam não ter a obrigação legal de divulgar abertamente essa agenda aos seus milhões de acionistas individuais, têm a obrigação moral de fazê-lo.

Menos imprudente, mas não menos absurda, é a economia circular [para alimentos](#) da Fundação Ellen MacArthur . Tipicamente vaga se não lermos as entrelinhas, a proposta [afirma](#) que “apenas quatro culturas fornecem 60% das calorias do mundo, enquanto muitos ingredientes que poderiam ser usados em seu lugar e ter um impacto menor raramente são utilizados”. O discurso de vendas torna difícil imaginar por que essas soluções misteriosas ainda não foram implementadas, já que fazê-lo “proporcionaria opções melhores para os consumidores, melhores para os agricultores e melhores para o meio ambiente”.

Os detalhes estão em um relatório da EMF intitulado: [A Grande Reformulação da Indústria Alimentar](#) . Um quadro informativo na página 45 tem o título "Ingredientes de Alto Potencial para Explorar". A grande novidade é que os insetos são uma "fonte de alimento altamente nutritiva e saudável, com alto teor de gordura, proteína, vitaminas, fibras e minerais", mas supostamente "emitem menos gases de efeito estufa e menos amônia do que o gado ou os porcos, e requerem significativamente menos terra e água do que a criação de gado".

Prepare-se, então, para trocar o bife e o bacon por "larvas de farinha amarelas desidratadas" (recentemente aprovadas pela Comissão Europeia como um "novo alimento"!). O relatório reconhece que o consumo de insetos "ainda não se tornou comum nas culturas alimentares ocidentais" e atribui isso a "percepções negativas".

Falando em percepções negativas, o relatório da Fundação Ellen MacArthur observa que os especialistas culinários da Comissão Europeia também estimaram que "as algas poderão representar 18% das fontes de proteína até 2054".

O mundo de “João Batista”

... a pobreza deles é a origem de quase toda a poluição plástica nos oceanos. A condição deles e a do oceano serão transformadas milagrosamente quando eles receberem energia confiável, agricultura moderna, sistemas de saneamento básico, plásticos e tudo o mais que desfrutamos hoje.

“Acolhemos com satisfação este estudo histórico que destaca como a economia circular pode ajudar a alcançar um futuro positivo para a natureza”, escreveu o CEO da Nestlé, em um dos muitos comentários de apoio no início de [The Big Food Redesign](#).

O futuro? Bem, nem tanto...

- As roupas de João eram feitas de pelos de camelo, e ele usava um cinto de couro na cintura. Seu alimento consistia em gafanhotos e mel silvestre. — Mateus 3:4

Ninguém na Terra moderna deveria viver assim. Alguns ainda vivem. Como mencionado anteriormente, a pobreza deles é a origem de quase toda a poluição plástica nos oceanos. A condição deles e a do oceano serão transformadas milagrosamente quando eles tiverem acesso a energia confiável, agricultura moderna, sistemas de saneamento básico, plásticos e tudo o mais que desfrutamos hoje.

Além dos fertilizantes modernos e da agricultura de alto rendimento (dois outros milagres modernos dos quais a Fundação Ellen MacArthur, sempre risível, [recomenda](#) se afastar), bilhões de pessoas no mundo rico devem suas dietas de baixo custo e alta qualidade ao uso de plástico, uma necessidade extraordinariamente eficiente.

O poliestireno preserva carnes e produtos frescos, permitindo que sejam enviados sem estragar, atravessando vários fusos horários e até oceanos. Ele mantém os alimentos preparados na temperatura adequada e os produtos embalados frescos por semanas, até meses. As garrafas PET fornecem bebidas de qualidade a preços acessíveis em tempos normais e salvam vidas quando desastres naturais interrompem o abastecimento de água doce.

Grande parte desses plásticos acaba em sistemas de descarte de resíduos sanitários porque seu custo de produção é muito baixo. Isso é uma vantagem, não um defeito. Vivemos e nos alimentamos tão bem porque podemos comprar o plástico barato que torna tudo isso possível e a infraestrutura sanitária para descartá-lo de forma segura e sem causar danos. A produção de alimentos consome recursos enormes — um investimento crucial que as embalagens plásticas protegem a um custo irrisório.

Isso é conservação. Substitua essa vantagem por algo mais caro e todos viveremos em condições mais pobres, e aqueles no mundo de "João Batista" talvez nunca consigam alcançá-los.

Num mundo perfeito, não haveria lixo. Mas também não haveria doenças, enfermidades ou morte. Ser adulto é difícil. No mundo em que vivemos, fazemos o possível para minimizar todos esses aspectos negativos, mas aceitamos cada um deles como inevitável.

Aprender maneiras melhores de descartar itens e evitar que certos materiais acabem em aterros sanitários também foi uma evolução inevitável.

Continuaremos a aprimorar isso — sempre aprimoramos. Mas algumas coisas, eventualmente e inevitavelmente, terão seu valor reduzido a zero e precisarão ser descartadas. Quase todo pedaço de plástico que acaba em um aterro sanitário trouxe um benefício desproporcionalmente maior do que o espaço insignificante que ocupa.

A [economia circular](#) para o plástico, promovida pela Nestlé, Unilever, Coca-Cola e outras empresas parceiras da Fundação Ellen MacArthur, não está nos conduzindo à terra prometida de um “sistema econômico que ofereça melhores resultados para as pessoas e para o meio ambiente”.

Isso já está acontecendo com o sistema que temos.

Ken Braun

Como editor-chefe e diretor de conteúdo da CRC, Ken Braun edita a revista Capital Research. Ele também realiza pesquisas investigativas e redige perfis para o InfluenceWatch.org.